



Furor suave

Vou fazer um poema com ar; mas não é com este ar. Qual ar? Este, aqui, este ar. Este qual? O que se respira? Sim, esse, não é com o que se respira, é com o ar de ar. Qual ar? Queres dizer o ar da palavra ar? Sim, esse mesmo. Muito bem, faz lá; e podes usar um ar para cantar o outro. Eu sei que posso. E vice-versa. Sim, sim.

O Ar

*À beira mar
Está um homem a pescar
Peixe está a apanhar
E sem nunca parar*

(Pedro Ernesto, 10 anos)

Seis meninas e um rapaz.

Comecei pelo um. Pelo menino.

Rodeiam-me sete pares de olhos desejosos de poesia. Estremeço um pouco. Podias fazer um soneto com estes catorze olhos maravilhosos, sussurra-me o mosquito ao ouvido. Faço de conta que não oiço e sacudo-o discretamente. Ou então, com estas catorze orelhas, uma orelha para cada verso, insiste a zumbir. Talvez, sim, mais tarde, digo, tentando não o ofender. Se voltar a escrever um soneto há-de ser com esses versos.

Afloramos assuntos filosóficos. Deus, o mundo, quem criou o mundo, quem criou Deus. Muito ao de leve, paira a ideia de inadequação entre Deus e o ser perfeito. A Mariana expõe argumentos, o Pedro conclui de raspão, em voz baixa: se é perfeito não tinha (não precisava) de criar, logo, se criou é porque não existe... Não sei se percebi bem. Filósofos poetas muito novos. Não tenho pedalada para os acompanhar.

Desviamos para o campo dos peluches. Até que se invocam as terríveis bonecas meio vivas, lindas e assustadoras.

A Catarina leva a mão ao bolso. Este é o Jackie, ele é uma miniatura do meu beagle que ficou em casa.

*Um boneco é uma parte
de nós é um auxílio para
a tristeza faz-nos lembrar
de uma coisa do passado
ou do presente.*

(Catarina Costa, 9 anos)

*Três Marianas, duas Beatrizes,
Um Pedro, uma Catarina;
Agora imagina
O corpo sem cicatrizes.*

(JPES, 54 anos)

É preciso pensar muito para fazer um poema.

Achas? Eu cá acho que depende. Há quem pense muito e há quem não pense nada. Outros ali pelo meio. Tenho um amigo que anda há anos à procura duma rima para música. Dá tratos ao miolo; e não vai encontrar. Sofre horrores. Um dia propus-lhe macambúzica, mas ele não se deu por satisfeito. Disse que era uma palavra inventada. E as outras palavras não são inventadas?

Posso fazer um poema com rimas deste livro? Claro, e mais as palavras todas que te fizerem falta.

*Era uma menina
tão solitária
que construiu uma boneca
e fez-lhe uma caravela
naufragou nas Canárias,*

*onde escreveu um diário
e abriu várias páginas*

(Mariana Gomes, 10 anos)

Às vezes há palavras que calham de repente e ficam bem. Palavras erradas, mas eu acho bonitas, e deixo estar. Sim, se forem bonitas, deixa-as estar.

*Ao tocar o meu piano
é muito estranho.
Quando toco e não canto.*

*Há gente muito maluca
onde basta a lua
nunca disse não
pela nula do pão*

*Caminho caminhando
quando não ando
há gente que não
gosta de ter caminhar*

(Beatriz Alexandre, 9 anos)

Quando eu era bebé, não falava; apenas chorava, e era melhor do que faço agora. Enfim, isto é mais a opinião da minha irmã, quando nos chateamos. É muito humilhante saber que foi ela quem escolheu o meu nome. Não gostas do teu nome? Gosto muito do meu nome.

Qual o tesouro do universo?

*A moeda é do sol
A nota é da lua
E o universo?
Qual é o tesouro dele*

*Não é o do céu
Nem o do mar
E muito menos o do chão
E então, qual é ele?*

(Pedro Ernesto)

Quando ele me chateia muito, sabes qual é o nome que eu lhe dou. Não, não sei. Cabeça de pudim. Eu gosto de pudim. Eu também, mas tem uma cobertura demasiado doce, que até enjoa.

Sozinha no meu quarto não tenho inspiração nenhuma. Aqui não consigo parar de escrever poemas.

Agora, os meus livros em cima da mesa deixam-me um tanto apreensivo. Tenham cuidado não vos faça mal... Mas parece que não há razões para temer; as crianças filtram a tristeza. Até mesmo a lâmina, o poema lâmina que se chama lâmina e que é, por assim dizer, uma lâmina, já romba, é lido como quem corta cascas finas, sem sangue nos dedos, as letras cortadas, e coladas de novo num animal manso.

Rosa

*A rosa pode ser cor-de-rosa ou
Uma rosa de flores que se mergulha
No seu amoroso perfume*

A lula

*A lula é uma lua que mergulha
No seu profundo oceano com
Muitos peixes, e muitas cores.*

(Mariana Moreira, 9 anos)

Sei que não vai ser fácil defender a incorrecção ortográfica deste oceano profundo. Vale a pena tentar. Só um oceano profundo cheira a rosas amorosas.

O amarelo

*É a cor do
malmequer
é a cor do
trigo gosto
muito dos
olhos daquele
menino os
olhos dele são
da cor do trigo
gosto muito
daquela cor
porque é a cor da
vida.*

(Mariana Santos, 9 anos)

E o amor paira por aqui. Ainda bem dissolvido na amizade, e apreensões sexuais. Será que os beijos dos actores nas novelas são mesmo a sério? Alguns passos de danças eróticas bem imitados, como quem imita cowboys a sacar pistolas. Pedro sensível à beleza, de tudo em geral, e à sua em particular, com ironia. Rodeado de Marianas, mares de graça. Beatrizes, misteriosas e amigas. Catarina cheia de poesia.

A Catarina embala o filho

*Canta a remota canção
Que seu tio já cantava há muito tempo
Em noite escura sem madrugada
Canta canta para o filho
E para o filho ela canta
Às vezes também o filho é negro*

(Beatriz Esteves, 9 anos)

Eu acho que vou ser um escritor poeta. Gosto muito de poesia. Eu também. Eu também. Eu também. Eu também. Eu também.

O lápis especial

*Tenho um lápis
Um lápis especial
Voa como uma perdiz
E recebe uma mesada mensal*

(Pedro Ernesto)

**João Paulo Esteves da Silva com Beatriz Alexandre, Beatriz Esteves,
Catarina Costa, Mariana Gomes, Mariana Moreira,
Mariana Santos e Pedro Ernesto
na Escola do Castelo, Lisboa
Ilustração de Marta Caldas**